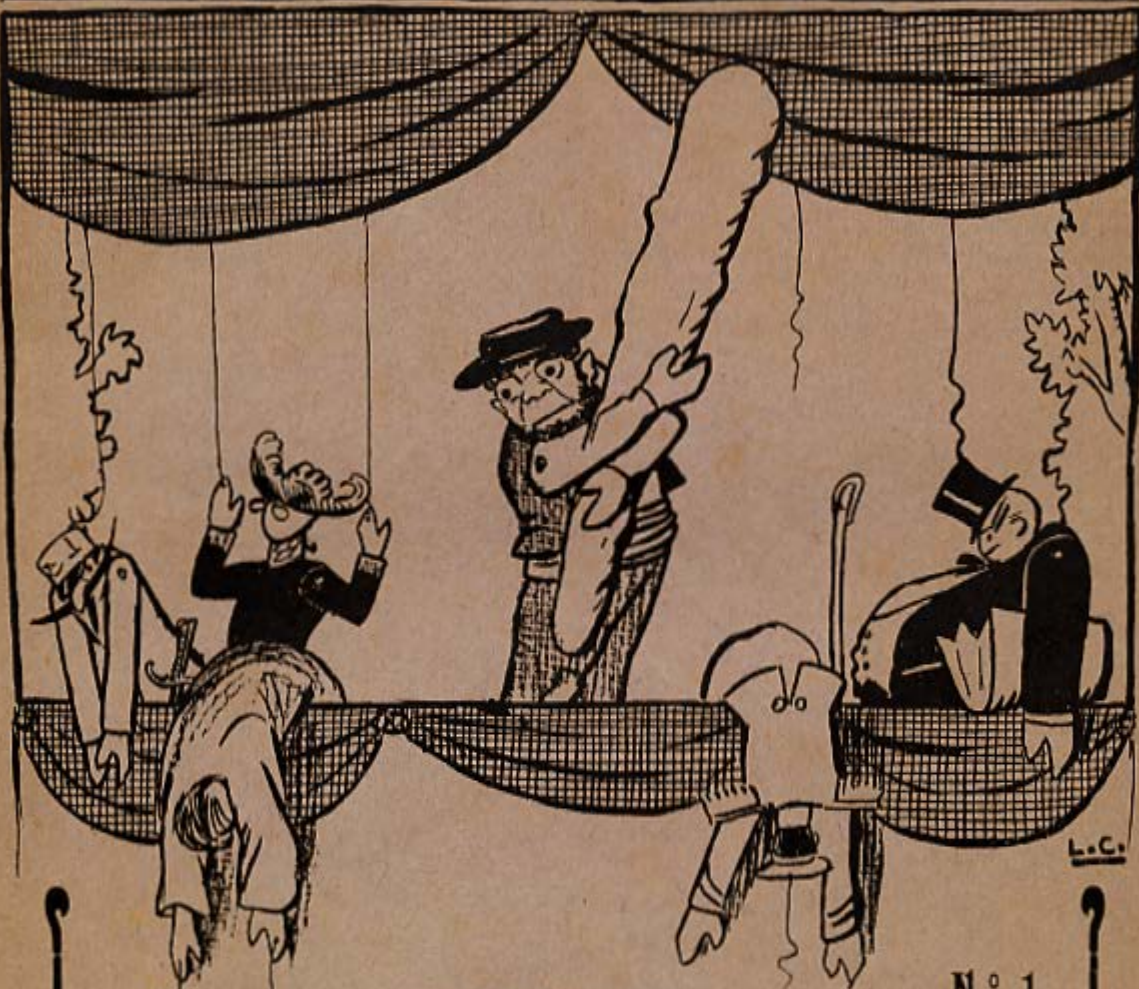


FANTOCHES



Lisboa 12 de janeiro de 1914

N.º 1

Preço avulso 40 rs.

Numeroz atrasados 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao **DIRECTOR e EDITOR Rocha Martins**

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO
LIVRARIA VENTURA ABRANTES
80, Rua do Alecrim, 82 — LISBOA

Propriedade da empresa dos «FANTOCHES»

Composto e impresso na **IMPRESA PROGRESSO**
Calçada S. Francisco, 23 — Lisboa

Rocha Martins

N.º 1

FANTOCHES

Notas semanaes sobre os acontecimentos
politicos

12 de Janeiro de 1914

SUMMARIO

O GOVERNO DEVE COMPRAR O LETHES — O GRANDE POLICIA HOMERO
— COMEÇA O RISO — UM COLLOSSAL CONTO DO VIGARIO — O QUE
SE CHAMA A GARGALHADA HOMERICA — SCEVOLA-MANIQUE.

*

AS FESTAS DOS PENITENCIARIOS — A TORTURA MORAL — O SR. AFFONSO
COSTA PIEGAS — NO TEMPO DE TELLES JORDÃO — A PHOBIA DO
ASSOBIO — OS TERRORES DO SR. FERREIRA DO AMARAL.

*

UM NOVO PRODUCTO COLONIAL — AMBACA E O CODIGO — S. THOMÉ
E O PODER — A CABEÇA DE LUIZ XVI COM VARIOS DESTEMPEROS
— DEPOIS D'UMA FOLIA — O SR. ROBESPIERROT.

Director e Editor — ROCHA MARTINS

Propriedade da empresa dos Fantochoes

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E DEPOSITO LIVRARIA VENTURA ABRANTES
Rua do Alecrim, 80 e 82 — Lisboa

Composto e impresso na IMPRENSA PROGRESSO
Calçada S. Francisco, 23, Lisboa

Fantoches são os bonecos trajados de juizes, militares, estadistas, padres, fadistas e policias que se movem ante as gargalhadas estrepitosas das creanças e os sorrisos, d'alegre complacencia, dos crescidos, ao sabor do cordel puxado pelo titereiro.

Como nas sociedades ha sempre um que é symbolo e se chama D. Christovão em Hespanha e é um inefavel, na Alemanha Hans Wurste é um glutão, na Inglaterra o palhacesco Punch, na Austria João Klassen, na Turquia Karaguez, o cinico e em Portugal D. Roberto, um valentão enquanto lhe não tiram o estadulho. Podem tambem ter outros nomes e teem-nos entre os homens aos quaes os titereiros chamados Ambição, Gula, Inveja, Luxuria — os peccados capitaes e os sociaes — puxam os cordels como os outros aos madeiros sem alma sob as suas boccas, as suas fardas, as suas casacas, as suas batinas, as suas jaquetas e os seus kopis.

Sobretudo nas sociedades revolvidas como a nossa e a tal ponto que se antipodisou, os cordels veem-se tanto que é uma grata e facil tarefa mostral-os ao publico.

E' por isso, meus senhores, que vão principiari os **Fantoches**.

No começo frio d'este Janeiro que gela os lagos dos jardins e encieira as mãos femeninas, mesmo na cariciosa defeza dos regalos, o governo tambem tiritá mas antes da necessidade physica de vér subir o thermometro sente a angustiosa anciedade de vér descer ao olvido seguro, o caso mais picaresco, a satyra politica mais pungente que se conhece.

De bom grado—advinha-se—o ministerio sacrificaria seus *superacits* a milagre de mais vulto o qual consistiria em evitar a falacia, o rumor, o simples cicio, a mera lembrança d'esse quadro de revista indigena que se chama: o famoso Homero.

Se o demonio vendesse a agua olvidadora do seu rio Lethes com a mesma facilidade com que os agentes do bom Deus mercenciam a de Lourdes, veriamos atravessar as ruas sob os bárris os amigos, os apañiguados, os servos do governo, levando-a aos domicilios, isto a pretexto do bem publico e do Alviella vir inquinado. Embora Belsebuth exigisse a alma do sr. Affonso Costa, toda a abundancia do erario, os cofres plethoricos, e mesmo que a sua agua pudesse transitar rotulada com essas corôas reaes, ninhos d'hydras, prohibidas nas caixas da Vinicola, o governo adquiriria o Lethes. N'esse dia o presidente do ministerio podia voltar a tomar a sua attitude pombalina que um empurrão malcreado, petulante como uma garotice de guarda-marinha—segundo a phrase querida do sr. Freitas Ribeiro—desmanchon e teria sido tão politico como Tayllerand, embora isso não agradasse ao nosso principe de Benavento, o sr. Macieira.

O Lethes fazia n'esta hora mais arranjo ao governo que outro *superavit*, que outro sr. Daniel Rodrigues, que uma mais avultada legião de *formiga branca*.

E' que o caso Homero—o hilariante, o ridiculo, o grotesco caso Homero—faz, com as suas manifestações provocantes de gargalhada, em parte, mais mozza no governo que os grandes arietes das opposições ululantes. O portuguez gosta de rir; aquelle de quem se ri jamais pode ser tomado a serio e um ministerio a quem succedesse o mesmo que ao

sr. José Luciano, quando deu a sua palavra d'honra na Camara, se pudesse ser ainda uma utilidade nacional não a era decerto no Terreiro de Paço mas no Colyseu.

Ao lado, porem, d'essa gargalhada contagiosa silva o assobio reprovador; junto a essa risada vem a imprecação porque em todos os contos do vigario ha sempre uma magua, uma tristeza na cara pasmada do ludibriado e o caso Homero não é senão, feito em grande, o que os moicanos tentam em pequena escala pelos bancos do Rocio.

Homero de Lencastre offerencia os conspiradores da fronteira ao governo, toda essa fortuna de poder metter na cadeia os cabeceilhas monarchicos a troco d'alguns escudos, d'um passaporte em regra, d'uma inabalavel confiança na sua pessoa theatral de *detective* de cinematographo. O governo, como se tivesse fechado n'essa hora o olho arguto do seu chefe, estivesse ausente a prospicaz visão do sr. Rodrigo Rodrigues, andasse todo embebida no Olendorf' a attenção famosa do sr. Macieira, aceitou e Homero, como os dos cordões de latão, intrujou o gabinete deixando-lhe todavia alguma cousa mas ficando em troca com uma reputação.

Homero—o policia—chegou a ter fóros de salvador e se não lhe tributaram a corôa de louros do civismo foi porque a republica aboliu as exhibições officiaes. Teve, porem, um ministro nascido d'um capricho, tirado da sombra dos palmares para a cadeira larga de Fontes, o sr. Rodrigo Rodrigues, a dizer das suas ações d'alto valor e da profusão d'Homeros, promptos ao sacrificio que possuia fechados na sua mão poderosa, ossuda e desmaiada, panegyrisando-o tão feliz e cheio de si como se em vez do agente fosse o poeta disputado por sete cidades—o grego Homero—que o sr. Scevola—o nosso Pina Manique—lhe tivesse apresentado com o seu disfarce de Nick Winter. Um orador de raça, talento d'eleição, d'esta vez tão mal empregado como um punhado de d'ouro tapando uma estrumeira, um verbo eloquente, o do sr. Alexandre Braga, vestiu d'honestidade o policia, pintou a republica como sua devedora, collocou no altar da patria Homero sahido d'um volume de Gaboriau.

Diante da sua audacia abriam-se as portas dos gabinetes dos altos funcionarios policiaes, esgarçavam-se as casas para as vistoriar; não existiam mais razões que se impuzessem nem mais reservas para elle: a fronteira era sua; seus os policiaes, seu o mando porque elle, que ao começo trouxera armas da Gallisa, promettera conduzir os homens amarrados aos seus projectos como rezes para um matadouro.

Nas *fincas gallegas*, tocando o seu copo com o dos emigrados e apertando as suas mãos, trahia-os com o melhor dos sorrisos, o mesmo naturalmente que usou, quando entre os doces do Marquez e os li-

cores da Chartreuse em certo almoço de politico embevecido, narra as suas proezas de agente secreto, ao qual com mais razão se pode chamar agente provocador.

O que elle promettia era deslumbrante: trazer Azevedo Coutinho a Lisboa, entregar todos os monarchicos que o recebessem, acabar d'uma vez com as conjuras fazendo a apprehensão d'armas nos locais, onde, com conhecimento da policia, as puzera.

Tambem quando vozes honestas, fallada em parte a traição mas realisada em outros pontos, repeliam a solidariedade da republica de tunica lavada com as mãos impuras d'esse homem, outras vozes, alem das do ministro e do orador, se ergueram a defendel-o. Jornalistas fizeram a sua apologia; o seu nome teve a consistencia dourada de symbolo; a sua defeza — ao fallar-se do seu cadastro, pois naturalmente o tinha — chegava a ser febril, violenta, a todo o transe. Homero era puro de toda a mancha desde que entregara conspiradores á republica, desde que fôra buscal-os ao seu refugio para os atirar ás penitenciarias: Homero era digno seguindo-se o criterio d'aquelle popular que ao ouvir lér uma nota escandalosa de crimes de certo individuo, berrava: Mas é um bom republicano!...

Homero tambem o foi e o grande agente e o habilissimo policia, o que arriscara a vida, a rapoza habil que entregara todas os segredos d'uma conspiração; era o ludibriador dos lapuzes monarchicos que acreditavam n'elle. E o riso cantou largamente nas boccas jacobinas á ideia d'esse João d'Azevedo Coutinho, quasi no laço, d'esses jornalistas como Cunha e Costa e Moreira d'Almeida accusados, de Lobo d'Avila refugiado na legação do Brazil d'onde o tiraria uma promessa fementida para o metter no carcere, do conde de Mangualde levado para a Penitenciaria o que causaria a morte de sua mãe.

A risada tinha garganteados rijos e contagiosos diante d'aquelles pacovios, d'aquelles idiotas, d'aquelles simplorios que o agente da republica com a sua face glabra, o seu cachimbo nos dentes, a sua figura de policia theatral burlara e entregara amarrados á vindicta.

O destino, porem, tem cousas cruéis e como se d'esta vez quizesse demonstrar ser tão perigoso utilizar certos homens como certas armas envenenadas encarregou-se de fazer com que a gargalhada mudasse de labios e que fosse estalar extranhamente na face do governo soando como souo no meio d'uma pagina imprevista.

Homero, depois d'episodios d'entremez, galgara de novo a fronteira e enquanto um reporter o dizia no meio dos monarchicos ameaçando agora a republica, o sr. Scevola ainda gravemente o esperava no seu gabinete, os jornaes do governo, com ares finorios, davam a entender mysterios e quando o nome do espião foi uma *scie* e quando no Martinho

se perguntava aos deputados affonsistas pelo agente tão querido ha dias, sebastianicamente diziam com o mesmo sorriso vago e já a desmaiar. —
A *fit*a continua!

D' Homero teria ficado esta meia dose de calão apenas, uma esperança fugidia e a recordação d'uma boa partida se elle não tivesse entregado aos companheiros das victimas que a sua deshonestidade fez, alguma cousa de precioso: a nota de que o governo da republica, o commissario Scevola, os altos funcionarios o tinham levado áquella traficancia, áquelle crime, á provocação da conjura que abasteceu as cadeias.

D'esta vez eram os monarchicos que andavam pelas esquinas a rir saboreando todo o mel de proverbio que diz ser melhor o riso de quem é o ultimo a rir.

E entretanto, dando de barato que elle mentisse, que fosse por seu alvedrio um espião, um delactor, um agente provocador, não pôde deixar de causar reparo a forma porque o defenderam no Parlamento na imprensa, nas ruas, os amigos do governo, quando elle entregava cinicamente os homens de quem se fingira cúmplice.

Homero assim toma proporções; já não é um policia como o Murtinheira a descobrir um paradeiro é um delegado, secreto senão da alta politica ao menos da alta policia, a ir buscar a territorio estrangeiro condemnados monarchicos para os enclausurar n'uma parodia á prisão do duqued'Enghien. Homero, aproveitado como um vulgar policia, poderia fallar que a sua voz perder-se-hia como um murmurio, Homero enaltecido, elevado, defendido com paixão, torna-se perigoso.

Um governo accusado d'usar taes processos é obrigado ou a calar com provas essa voz ou a confessar-se victima d'um conto colossal do vigario. No primeiro caso aconselhar-lhe-hiamos cautellas para o futuro no segundo uma serie de lições para a defeza necessaria com o *Tranglomango*, vigarista conhecido.

Em todos os aspectos, porem, succede que o riso provocado por este episodio, onde um aventureiro engana politicos tidos por luminares d'argucia, acompanhará esses homens pela historia fóra, será como o echo da gargalhada solta pelos jacobinos quando julgaram os outros comidos pelo agente ao seu serviço.

Eis o que se chama a variante da risada *homerica*.

O poeta grego, na sua formosa *Illiada*, põe nos labios sagrados dos deuses um riso estrepitoso, o seu homonymo, o policia, que fez gregos os ministros, obriga um paiz inteiro a estalar os cós.

E' que se chegou ao cumulo da satyra politica quando tanto se quer puxar para a gravidade marcada no abuso dos fatos pretos e dos jantares diplomaticos, na exteriorisação das pellicas e no consumo de copos d'agua na Camara, nos chapens altos e no exagero imitativo dos

antigos conselheiros, exactamente como os pretos que vendo os brancos de luneta encavallam tantas quanto podem nos seus achatados narizes.

Não ha duvida. Foi o maximo do vigarismo victimando um gabinete e isso faz o effeito d'um rabo de papel na casaca bordada de Pom-bal, d'um guiso na cabelleira do conde d'Oeiras com que o sr. Affonso Costa apparece paramentado nos retratos expulsando os jesuitas.

Ceus! E' como se o sr. Scevola em vez da rabona verde bordada a prata do intendente Manique tivesse os despojos com que se fardam os salsas e em lugar do tricorne historico o chapen de papellão com todos os seus attributos.

*

O paiz assistiu a este entremez mas não viu o bastidor onde se passa a tragedia. Era preciso desfilar-se, no primeiro do anno, pelos corredores gelidos da Penitenciaria que n'esse dia, afogados no escuro como poços emquanto lá no alto brilhava o sol, mergulhados no silencio, n'um contraste com o ruido das ruas, eram bem os sinistros logares para onde jámais se deviam mandar os criminosos politicos.

Os condemnados com as barbas rapadas, os trajos de lona, a attitudade submissa de quem perdeu o nome para ter apenas numero, meditam d'olhos torvos uns, em pranto outros, no fundo das cellas, os alvelos d'aquelle vespeiro onde se guardam, como n'uma boceta de Pandora, os crimes sem regeneração. Do inviesado d'uma ala é um olhar louco que se crusa com o nosso; n'esse jardinete do tamanho d'um lenço é a vida methodica dos homens passeando n'um andar d'automatos que os revela.

Vivem n'aquella casa sinistra — uma estrella de maleficio — ao topo das avenidas largas, onde ranchadas de creanças brincam sob os olhar das mães, os que assassinaram, roubaram, incendiaram, os que mancharam as mãos no sangue, umas vezes n'um arranco feroz outras cobardemente no escuro das viellas; os que de noite com cautellas assaltaram as moradias, arrombaram os cofres e se apoderaram do dinheiro alheio; os que lançaram fogo a predios e fizeram morrer creancinhas deixando outras orphãs, isto n'uma cilada, na calada, á traição.

Não ha outra prisão no paiz para guardar José Valla, o parricida, Leandro, o mandatario de Fernandez, o incendiario; os fraticidas, os falsificadores, os miseraveis.

Se ha annos a justiça tivesse inventado este inquisitorial supplicio por ali teriam passado Diogo Alves, o repelente, João Brandão, o cynico, Mattos Lobo, o torturador e toda a legião de criminosos que enche as chronicas de infamias e as almas de sentidos pavores.

Pois é ali também que estão os criminosos políticos, que só desde 15 de dezembro, não levam vida igual á dos mais abjectos habitantes d'aquella casa maldita: barba e cabellos rapados, a continencia aos guardas, o seu banco d'officio, a sua subserviencia de gente que não tem mais voz na sociedade.

É ali que está o conde de Mangualde, que Homero de Lencastre entregou ao governo e que n'esse mesmo dia primeiro do anno perdera sua mão.

Começa-se a sentir como a tragedia se esboça.

Não é o rigor dos males physicos que se marca nas prisões portuguezas, como a puritana duqueza de Bedford quer fazer acreditar, é a tortura moral mais nitidamente terrivel na penitenciaria nascendo da idea, que, embora n'uma ala separada e com algumas regalias desde semanas apenas, ella não deixa de ser a casa onde se enjaulam os mais terriveis facinoras, os mais nojentos criminosos.

A denuncia mais do que o delicto flagrante começam a provêr as cellas infamantes de políticos; Homero — o agente provocador — deulhes mais um.

A tortura moral fere mais do que um tormento physico. E' preferivel ter uma alimentação escassa, por exemplo, que a prespectiva diaria d'uma cella escura; um mau leito que a ideia constante do respeito a um nosso inferior na sociedade tornado o nosso carcereiro. Um homem que hontem era saudado passa a ser um automato, um que tornado virtude d'amanhã o seu crime d'hoje, isto é, chegada a victoria, será ministro, deputado, plenipotenciario é, n'aquella hora — como alguns dos penitenciarios que sentimos n'esse primeiro de janeiro — apenas um preso ao lado dos que assassinaram, roubaram ou violentaram.

Dentro do carcere que lhe deram, quando do 28 de janeiro, o sr. dr. Affonso Costa escrevia:

«Confesso que me arrepiei ao entrar aqui, andou o pobre Beccaria a gritar e a escrever contra o estado das prisões da Europa e as suas ideias foram recebidas por todos os poros cultos, para afinal se estar ainda no regimen do calabouço, da tarimba de soldado, do pote d'agua e da bacia de barro.»

Isto era apenas o grito da sua sensibilidade physica. Não chegou a torcer-se na revolta moral porque o metteram n'um quartel e a seu lado não encerraram os mais abjectos criminosos.

Imagine-se, porem, que a sua vida se passava no fundo da cella classica do penitenciario, onde ha o catre baixo, a bacia reles, a vigilancia d'um guarda e que lhe chegavam assim as festas em que tudo desde o frio regelante á saudade da infancia conduz para a familia.

Em vez do canto florido onde as pratas scintillam, como succedeu no seu lar, a parede branca sem um adorno onde os olhos se cançam, em vez dos deditos rosados dos pequenitos segurando o brinquedo tirado da arvore ou a colherita de doce comida a cabecear de somno aquella eterna visãõ d'uma ala sinistra, egual, montona e em logar das luzes illuminando as alegrias, do piano tocando docemente, das vozes frescas das mulheres, dos abraços dos que veem de longe para o meio familiar n'esses dias, o escuro da cella, o tinido da campainha a ordenar que se apague o gaz, o passo grave dos guardas nos lagedos, a solidão com o pensamento a martellar julgando-se vêr a mãe com as suas rugas, os pequenos com as suas cabecitas louras.

Os pobres esses relembram os seus campos cobertos de neve, os descantes, as irmãs pondo nas mesas as toalhas alvas, as namoradas, o concheço da familia enquanto o vento sopra como nas beiras serranas onde o sr. Affonso Costa nasceu e teem, criminosos comuns ou delictuosos politicos, a mesma horrivel prisão.

Dentro d'aquellas cellas evocamos por instantes o chefe do governo no seu calabouço onde guardara os agasalhos vindos do seu lar e recordamo-nos que durante muito tempo o publico vibrou com estas linhas escriptas pela sua mão no calabouço do Cabeço de Bola n'um luminoso e frio domingo de fevereiro:

«Mais um dia de calabouço e este sinceramente custou-me muito a passar. Fosse pelo que fosse a verdade é que as saudades recrudesceram. Naturalmente influio no meu espirito a circumstancia especial de ser hoje domingo. Desde manhã bailou-me no espirito a imagem do meu lar n'um dia como o d'hoje cheio de sol, um pouco frio e por isso convidando a saltar. O Sebastião, o Affonsito, a Mimi e até o pequerruchinho Fernando, devem ter hoje brincado n'aquelle quintal onde eu aos domingos, tanto gosto de compartilhar os seus folguedos. A pobre mãe coitada e as acós sendo-os brincar descuidadosamente hão ter suspirado lembrando-se de mim. E assim é que os nossos pensamentos atravessando rapidos kilometros que nos separam, se encontraram e accentuaram hoje o meu soffrimento.

Um pequeno incidente contribuiu para o meu enternecimento. Com os botões de madreperola tinham vindo de minha casa ante hontem os botões de pedra dos Pyrineus que eu e a Alzira trouxemos para o Sebastião, de Cauterets. Foi lembrança do pequeno mandar-n'os. Foi idéa da mãe? Fosse d'um d'elles, fosse d'ambos abençoada lembrança! Hoje domingo, puz punhos brancos e segurei-os com os botões do Sebastião, depois de os ter beijado como se fosse a elle e á mãe.

E isto, cá no meu isolamento, não sei se me fez bem mas tornou-me... um pouco piegas.»

Essa tarde de visita a Penitenciaria fôra tambem luminosa. Esse dia primeiro de janeiro fôra tambem de saudade para todos os que ali soffrem. Morrêra a mãe do homem que Homero—o que accusa o governo de o ter instigado aos seus crimes—para ali atirou.

E então no cahir da tarde, alem na sahida do portão largo, com Lisboa aos pés, viamos acender as luzes pela Avenida fôra, picarem-se de clarões as janellas dos predios n'aquella hora grata do jantar em comum e que se ia prolongar. Ali perto, n'um andar nobre, mora o chefe do governo e tivemos vontade de que entre os seus, ao lado das pessoas evocadas nas suas horas do carcere bem diverso dos da Penitenciaria, lesse as suas palavras e recordasse com fôra... piégas; e então, olhando os seus entes queridos quando a maior ternura se estabelece, na hora carinhosa em que o lar é mais bemdito, elle, que diz ter soffrido tanto, pegasse rapidamente no chapéu e corresse a Belém a pedir ao presidente da republica, que o receberia tremulo d'alegria, a amnistia geral.

Quando voltasse talvez que por entre as rugas fundas d'um rosto amado cahissem lagrimas de satisfação e uma voz cançada lhe dissesse boas palavras como no tempo em que ao som do vento nas serranias ella pedia, como todas as boas mães, pelos que andam sobre as aguas do mar e pelos encarcerados.

Mas não. D'esta vez o chefe do governo não teve a pieguice do advogado Affonso Costa, n'um dia luminoso de fevereiro, ha seis annos.

E por esse paiz fôra houve menos luzes nas mezas e mais lagrimas derramadas. Houve mesmo um episodio em que se evoca o trecho d'um livro doloroso: *A Historia dos Presos Politicos* em S. Julião da Barra, no tempo de Telles Jordão, o carcereiro miguelista. As paginas d'essa obra estão salpicadas de castigos dados aos presos que usavam côres azues e brancas. Umaz vezes eram ver os fatos que se lhes rasgavam, outras as ameaças que fusilavam. A um soldado retalharam uns lenços, á irmandade da Senhora da Conceição da Torre mandaram pintar as vâras de amarello, um odio firme, terrivel, inhumano vibrava contra esses presos e contra essas côres a ponto do auctor do livro, que parece em parte um echo do presente, escrever:

«A côr azul tinha-lhe por este tempo feito revolver o estomago e causado ancias mortaes; era côr que não podiam vêr mormente unida á branca. Alguma da roupa que mandavamos lavar era marcada em tinta azul; declararam guerra a esta marca; foram levadas a ferro: os miseros que tinham a desdita de ter a roupa assim marcada viram camisas, lenços, lenços ou toalhas, cortada á tesoura ou faca no logar da marca azul.

Se o divino Camões tivessem ao menos soletrado lá deparariam no

Canto I III com a estancia 53 e ali veriam estampado a origem da nacionalismo destas côres:

*Aqui pinta no branco escudo ufano
Que agora esta vitoria certifica
Cinco escudos azues esclarecidos
Em signal destes cinco reis vencidos*

Pois por causa d'essas côres tão amadas pelo ministro da Republica, sr. Guerra Junqueiro, succedeu ha [dias, na cadeia do Porto, serem postos incommunicaveis [uns presos que offereceram um ramo de flôres com fitas azues e brancas a D. Constança Telles da Gama. Ainda depois foram castigados os que assobiaram o hymno da Carta á passagem do intendente geral da policia Scevola-Manique, o que profundamente o irritou.

Eis ahi uma cousa que nós comprehendemos. Depois do caso Homero o sr. Scevola ao ouvir assobiar seja o hymno da Carta, ou o fado, a Portugueza ou o Vira deve ter a ideia que é o paiz inteiro a reprová-lo como n'um theatro succederia a um actor que tivesse feito um mau papel de Scarpia.

E' a phobia do assobio a manifestar-se com uma visão terrivel do futuro. Succede-lhe exactamente como ao sr. Ferreira do Amaral que ao ouvir dar vivas á republica na janella do Centro Democratico não pôde deixar d'estremecer como se visse na esquina do largo de S. Domingos erguorem-se os espectros dos fuzilados de 5 d'abril a empurram o povo contra a sua digestão.

Pois é assim. Scevola-Manique detesta o assobio: Ferreira do Amaral os vivas á republica pois ingenuamente acredita que o povo tem memoria.

Segundo as chorographias do sr. Raposo Botelho todas as nossas possessões dão mendobi, coconote, urzella e côcos. Na forma costumada da sua psychose o general tem nos seus livros uma larga lacuna. Quando da revolução o ministro da guerra da monarchia esqueceu-se das dragonas tomando no quartel general umas vezes, outras em casa d'um amigo, a sua canjinha confortativa, escrevendo a chorographia africana, emquanto espalhava por todo o sertão o coconote e o mendobi, esquecia-se d'acrescentar outro producto colonial do passado com largo desenvolvimento no presente: o escandalo.

E' assim que Ambaca até já pôde exportar, com vantagens sobre os outros paizes, esta planta de terriveis sucos. Ainda ha dias claramente isso foi demonstrado na Camara quando o sr. Camillo Rodrigues

accusou terminantemente o sr. Freitas Ribeiro de procurar desencaminhar em prejuizo do thesouro e em proveito da Companhia d'Ambaca, de conluio com dois cavalheiros, creditos de cinco mil oitocentos e vinte e cinco contos. Como taxa de mercadoria assim largamente explorada, o deputado pediu para o ministro o artigo 314 do Codigo Penal.

Houve um pasmo medroso na Camara, um palor de comoção alastrou pelas faces dos amigos do governo que com a grande velocidade d'imaginação de bons futuristas, viram por instantes um homem a trambulhar das cadeiras do poder para o banco dos reus realisando-se o verso do epico ante outro poder que mais alto se levantaria: o poder judicial.

Deve o sr. Freitas Ribeiro o não travar conhecimento com um juiz, que decerto não seria qualquer dos que para tudo servem, a seis votos de amigos seus entre os quaes os dos seus collegas do gabinete assim solidarisados com elle que o deputado, com uma serenidade e uma calma de convicto, accusa de ter incorrido no crime contra a guarda e emprego dos dinheiros publicos.

Se este facto succedesse ha annos, a attitudo do chefe do governo, então o mais audacioso dos tribunos, seria a d'enrouquecer a berrar: Que por muito menos rolara no cadafalso a cabeça de Luiz XVI, isto diante d'uma Camara de atarantados que julgaria serem lampejos de cutellos os olhos furibundos do orador.

Houve porem agora quem o substituísse na apostrophe evocando essa pallida e nobre cabeça de guilhotinado que tem sido servida no parlamento portuguez com varios destemperos. Foi o deputado sr. Celorico Gil quem atirou a phrase e ella d'esta vez teve o ar justo e vivo d'uma pungente ironia;equivaleu a arremeçar ao sr. Affonso Costa uma das suas mais envenenadas fréchas, molhadas na razão mais ampla.

Parece, todavia, que, preocupado com o alastramento do producto colonial—o escandalo—o chefe do governo não reconhecem os seus velhos tropos, mudado de linguagem como de processos, mais ferido por um arranhão no seu orgulho que pelo tiroteio farto que crivou rudemente o seu collega da marinha.

Nesse mesmo dia recusara-se a comparecer no Senado onde as colonias, com uma fertilidade verdadeiramente tropical, continuavam a produzir o escandalo. O senador, sr. João de Freitas, desejava fazer-lhe algumas perguntas acerca da sua acção em varios e curiosos casos que tanto teem dado que fallar e o sr. Affonso Costa dicitou não ir ouvir-o e responder-lhe porque o seu secretario achara tão mal cabidos os termos da interpelação escripta que antes mais merecia atirar-a ao fogo purificador, como palavras d'heretico, que pol-a sob a sua vista.

A dignidade do cargo que o democratico chefe politico occupa não lhe permittia ir ali defrontar-se com o senador prompto a pedir contas.

Elle accusou, porém, com uma forma grave de quem não tem duvidas acerca do que pensa, n'um ataque cerrado que fez fugir os senadores do partido democratico como se ouvissem a voz de Jehovah annunciando a mais formidavel das derrocadas dentro da republica postergada como uma virgem que se violentasse.

E' consolador para qualquer homem lembrar-se como é bom não ser mais do que um simples cidadão, egual a todos, sem melindres magestáticos, como faz bem lembrar que as pompas são pagas muito caro quando por sua causa somos obrigados a abdicar de responder a tempo em toda a parte, em todos os campos, a toda a gente, seja onde fôr e para onde nos chamarem.

Uma creança na escola accusada de ter entornado o seu tinteiro, estando innocente, ergue-se em furia declara em lagrimas não ter alastrado aquella nodoa; nas mais vulgares condições sociaes um homem a quem imputam um delicto corre a justificar-se, sente a ancia natural de ir cara a cara, frente a frente dizer n'um berro ao seu accusador:

Mente! Mente! Mente!

O que um escolar faz, o que um mendigo teria prazer em fazer não se pôde praticar quando se tem o Poder. Por este preço elle é tão caro como um caracol pelo qual dessemos o Peru.

Fouchê conta nas suas Memorias que Robespierre tinha desvairamentos assim. Quando o Comité de Salvação Publica esboçou uma resistencia jurou que nunca mais ali iria enquanto não lhe obedecesse. Ninguem diria que este jacobino egualitario tinha taes bertoejas como se a sua epiderme fosse tão fina como a de Madame Veto. Mas era assim. Tomara uma indigestão de Poder. Pelos seculos fóra tem havido quem o queira seguir, já se vê que em simples theoria allucinante, nos seus poderes, nas suas attitudes, nas suas emphases de Maximiliano I, rei da rua, cujo throno e cujo leito mortuario foram a guilhotina.

Tambem, por formidavel, é difficil d'imitar mesmo em sonhos. Quem o pretender faz a figura de ser olhado por um binoculo ás avessas. Mas ninguem o pretende; ninguem. Nem mesmo em sonhos. D'um individuo folião sabemos nós que tendo ido a um baile de mascaras entrou em demasia pelos finaes d'essas folias, foi para casa nos braços de dois amigos e teve um febrão que o desvairou a ponto de começar a andar n'um rodopio vendo a historia ao contrario, os tempos correndo para o passado e elle mettido n'aquelle pesadello como n'um perturbador conto de Wells.

Via-se carrasco no tempo de D. Miguel a apontar os gasnetes aos *malhados* deante do Tejo placido, ali no Caes Sodré; depois tinha a fardá da Legião Portugueza e introduzia os francezes pelas Beiras; de se-

guida estava a escovar a casaca do Primeiro Consul, como o seu creado Constant e acabava por mergulhar na sangueira da revolução franceza e ser Robespierre. Foi então que o pobre rapaz acordou desvairado, a berrar tremulo e d'olhos esgaseados, doente com o seu sonho, com o que era apenas sonho, — Não foi de Robespierre... Foi de *pierrot*... De Robespierrot é que me vesti...

E segurando na mão a cornucopia que lhe parecera um barrete phrygio e tilintando o guiso que julgara o Poder repetia o diminutivo com delicia, a fazer-lhe tão bem como um brometo a exaltadas fúrias nervosas, a olhar, ainda espantado, o seu vermelho traje de Carnaval.

E' que mesmo sonhando tão collossal papel esmagava-o como uma montanha rolando sobre uma vespa.

